UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTIFICA E INTELECTUAL DA UNICAMP

Versão do arquivo anexado / Version of attached file:

Versão do Editor / Published Version

Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:
https://periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/view/6390

DOI: 0

Direitos autorais / Publisher's copyright statement:
©2022 by "Universidade do Estado de Mato Grosso ". All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo
CEP 13083-970 – Campinas SP
Fone: (19) 3521-6493
http://www.repositorio.unicamp.br

DOI 10.30681/issn23163933v30n01/2021p211-226

A LÍNGUA AFIADA DA *AURÉLIA*
***
LA LANGUE ACÉRÉE *D'AURÉLIA*

Sheila Elias de Oliveira[1]

Recebimento do texto: 15/10/2021
Data de aceite: 12/11/2021

RESUMO: Estabelecendo um diálogo entre estudos da enunciação, discurso e história das ideias linguísticas, este artigo apresenta uma reflexão sobre os saberes da *Aurélia, a dicionária da língua afiada*, obra publicada em 2006. Tendo como base a tipologia proposta por Paveau (2018) para caracterizar sujeitos não-linguistas produtores de saberes linguísticos, definindo um valor decrescente de "detenção de um saber linguístico", Elias de Oliveira localiza os autores da *Aurélia* em um lugar próprio, que se situa entre o de "cientista não-linguista" (como os historiadores que trabalham com linguagem) e o dos "falantes engajados, militantes ou apaixonados" "centrados na descrição e na intervenção". O gesto de intervenção da *Aurélia* no imaginário social sobre a língua, o dicionário e os sujeitos falantes a inscreve no que a autora propõe chamar de *lexicografia crítica*.

PALAVRAS-CHAVE: lexicografia crítica. falantes-lexicógrafos. saber linguístico.

RÉSUMÉ: À partir d'un dialogue entre les études de l'énonciation, du discours et de l'histoire des idées linguistiques, cet article présente une réflexion sur le savoir *d'Aurélia*, *a dicionária da língua afiada*, publié en 2006. En se basant sur la typologie proposée par Paveau (2018) pour caractériser les sujets non linguistes producteurs de savoir linguistique, définissant une valeur décroissante de « possession du savoir linguistique », Elias de Oliveira situe les auteurs *d'Aurélia* dans un lieu précis, situé entre celui du « scientifique non-linguiste » (comme les historiens qui travaillent sur le langage) et celui des « locuteurs engagés, militants ou passionnés » « centrés sur la description et l'intervention ». Le geste d'intervention *d'Aurélia* dans l'imaginaire social sur la langue, le dictionnaire et les sujets parlants inscrit ce dictionnaire dans ce que l'auteure propose d'appeler *la lexicographie critique*.

MOTS-CLÉS: lexicographie critique. sujets parlants-lexicographes. savoir linguistique.

1 Professora doutora da UNICAMP.

O dicionário na história das ideias linguísticas

Auroux (1992, p.65) define *gramatização* como "o processo que conduz a descrever e instrumentar uma língua com base em duas tecnologias, que são ainda hoje os pilares do nosso saber metalinguístico: a gramática e o dicionário". A ideia de gramatização é proposta pelo autor ao investigar o que denomina a *revolução tecnológica da gramatização*, um processo de treze séculos que tem no Renascimento europeu seu ponto de inflexão, no qual são descritas e instrumentadas línguas da Europa e dos países por ela colonizados. As gramáticas e os dicionários são as tecnologias que dão base a essa revolução; sua produção massiva não deixa intactas as práticas linguísticas humanas:

(...) do mesmo modo que um martelo prolonga o gesto da mão, transformando-o, uma gramática prolonga a fala natural e dá acesso a um corpo de regras e de formas que não figuram junto na competência de um mesmo locutor. Isto é ainda mais verdadeiro acerca dos dicionários: qualquer que seja minha competência linguística, não domino certamente a grande quantidade de palavras que figuram nos grandes dicionários monolíngues que serão produzidos a partir do final do Renascimento (o contrário tornaria estes dicionários inúteis a qualquer outro fim que não fosse a aprendizagem de línguas estrangeiras). Isto significa que o aparecimento dos instrumentos linguísticos não deixa intactas as práticas linguísticas humanas (AUROUX,1992, p.69-70).

Como afirmei em reflexão anterior (ELIAS DE OLIVEIRA, 2018, p. 304), "a compreensão de que o saber produzido sobre as línguas nos instrumentos linguísticos não deixa intactas as práticas linguísticas humanas dá visibilidade à força política desses instrumentos no movimento das línguas e das sociedades".

No Brasil, a tomada de posição materialista no interior da história das ideias linguísticas levou a buscar a compreensão dos instrumentos linguísticos para além da revolução tecnológica descrita por Auroux. Outros instrumentos foram identificados e investigados, como materiais didáticos produzidos para o ensino do espanhol como língua estrangeira impulsionada pelo MERCOSUL a partir da década de 1990 (CARVALHO, 2015) e o Museu da Língua Portuguesa (SOBRINHO, 2013).

Essa tomada de posição possibilitou ainda, no que diz respeito aos

dicionários de língua, lançar o olhar sobre suas diferenças. Petri reflete sobre o dicionário regionalista, questionando em que medida ele pode ser compreendido como parte do processo de gramatização da língua portuguesa, já que não apresenta "como objetivo principal constituir-se como um 'pilar do saber metalinguístico'" no sentido entendido a partir de Auroux (PETRI: 2012, p. 31). Já Medeiros (2016) toma como objeto glossários para textos literários de autores africanos de língua portuguesa, considerando-os instrumentos de gramatização tanto da língua portuguesa quanto de línguas africanas em território angolano.

De minha parte, busquei refletir sobre o gesto de intervenção do *Dicionário inFormal* no espaço de enunciação do português do Brasil. Guimarães (2002, p. 18-19) caracteriza os espaços de enunciação como espaços políticos de funcionamento de línguas, "que se dividem, redividem, se misturam, desfazem, transformam por uma disputa incessante. São espaços 'habitados' por falantes, ou seja, por sujeitos divididos por seus direitos ao dizer e aos modos de dizer".

Em um primeiro momento (ELIAS DE OLIVEIRA, 2014), mostrei que o *inFormal* modifica a relação entre o falante brasileiro e a língua nacional e oficial do país, ao permitir a ocupação de uma posição de autoria (ORLANDI, 1996) do falante na construção de um saber sobre a língua, e possibilitar uma escrita criativa que desloca sentidos sobre a língua e o dicionário, projetando um olhar crítico sobre a língua e a sociedade. Em um segundo momento (ELIAS DE OLIVEIRA, 2018), inscrevi o *inFormal* em um conjunto de saberes sobre a língua que constituem um novo momento da gramatização no Brasil. Neste novo momento, identifico hoje um movimento de popularização da língua nacional e do saber sobre ela, do qual fazem parte tanto o *Dicionário inFormal* quanto o Museu da Língua Portuguesa.

Os estudos feitos no Brasil indicam que a gramatização tem uma dimensão e uma complexidade maiores do que Auroux identificou na revolução tecnológica realizada pela Europa. É preciso investigá-la levando em conta o movimento político contraditório entre o objeto real e o objeto de conhecimento. Fazer história das ideias é "historicizar essa contradição, dando visibilidade às suas condições de produção e aos seus efeitos" (ELIAS DE OLIVEIRA, 2018). No que toca ao *inFormal* ou à *Aurélia*, que trago para esta reflexão, me interessa pensar a contradição entre a língua tomada como objeto de conhecimento nesses instrumentos e nos dicionários gerais tradicionais de língua.

O saber da *Aurélia* expõe o olhar dos leitores à língua do "universo Gay". Ao fazê-lo, reivindica o reconhecimento da existência de uma língua gay, que tem sido alijada dos dicionários tradicionais como parte da língua portuguesa. Junto à reivindicação de reconhecimento da língua, está a reivindicação de reconhecimento dos sujeitos LGBTQI+ como parte constitutiva da sociedade. Com esse gesto, a *Aurélia* intervém no espaço de enunciação do português do Brasil, ao produzir, como todo dicionário, um saber sobre a língua e a sociedade, e sobre a língua como parte da sociedade (COLLINOT & MAZIÈRE, 1997).

Vamos, então, à língua afiada da *Aurélia*.

A dicionária brasileira

Aurélia, fotos da capa e contracapa.

Aurélia, a dicionária da língua afiada foi lançada em 2006, pela Editora do Bispo[2], que na capa aparece como Editora da Bispa, num gesto político inclusivo

2 Em 2006, a Editora do Bispo publicou também *Por que se mete, porra? Delicadezas de Paulo César Pereio*, uma autobiografia do ator; lançou também a tradução de Clarah Averbuck para o provocador *Manual para fazer das crianças pobres churrasco*, do irlandês Jonathan Swift. Os títulos indicam uma linha editorial contrária ao conservadorismo de elite tanto nos costumes como nas políticas públicas.

e bem-humorado, em sintonia com o título da obra. A alteração da marca morfológica de gênero estabilizada na língua é tematizada no primeiro verbete da *Aurélia* como um modo de dizer do universo Gay. A entrada lexicográfica é o artigo definido *a*:

> no mundo gay, o artigo definido feminino é, em muitos casos, anteposto a substantivos próprios ou comuns do gênero masculino, sendo que, no caso dos comuns, o substantivo ele próprio também passa, se possível, para feminino, criando-se um neologismo". Ex.: *A Pedro*, *a Mário*, *a Zezinho*, *a Robertão*; *a prédia*, *a fota*, *a relógia*, ***a dicionária***" (*Aurélia*, p. 16, meu negrito).

A denominação *dicionária* desestabiliza sentidos dominantes no senso comum sobre a língua. Perguntas como: 'por que dizemos *a gramática* e *o dicionário*, ou *a foto* e não *a fota*?' podem surgir, e encontrar no arbitrário do signo saussureano uma resposta incompleta, já que nos levam a interrogar os critérios que (re)produzem as convenções linguísticas; a dominância do masculino como valor social positivo e hierarquicamente superior ao feminino estaria ligada às convenções linguísticas de gênero morfológico? A neutralidade atribuída ao masculino morfológico nas formas lemáticas dos dicionários não produz um efeito de naturalização e com ela uma valoração positiva do masculino sobre o feminino? Não temos direito, como falantes, a reivindicar o feminino (ou a diversidade de gênero social) como valor social, rompendo convenções na sociedade e nas marcas linguísticas morfológicas de gênero?

O nome da dicionária foi questionado juridicamente pela família do lexicógrafo Aurélio Buarque de Holanda e pela editora que detém os direitos dos produtos *Aurélio* desde 2003. Na época, um dos autores da *Aurélia*, Victor Ângelo, afirmou que o nome era "uma homenagem ao *Aurélio*. Ele é pop. Tanto que quando você fala em um Aurélio, se refere a um dicionário". A viúva de Aurélio Buarque de Holanda respondeu que a família dispensava a homenagem[3]. *Aurélia* não teve continuidade, mas a obra permanece, e de tempos em tempos pode ser

3 As declarações de Victor Ângelo e de Marina Baird Ferreira foram publicadas pelo Observatório da Imprensa, em matéria que anuncia a publicação da dicionária e aborda a polêmica com a família do dicionarista Aurélio Buarque de Holanda e a editora do *Aurélio*. Disponível em: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/entre-aspas/dicionario-gay-presta-homenagem-a-aurelio/, consulta em 12/03/2020.

encontrada em sebos virtuais[4].

Aurélia se apresenta como "o primeiro dicionário, ou melhor, a primeira dicionária publicada no Brasil que contempla a língua afiada do universo Gay" (*Aurélia*, 2006, contracapa). A nomenclatura compreende 1300 verbetes do vocabulário gay, que é buscado, segundo os autores, no Brasil e em países lusófonos, em pesquisas de dados e em conversas com gays: "além da língua afiada falada pelos brasileiros, a dicionária abarca ainda uma série de palavras e expressões de Portugal e outros países da comunidade lusófona" (*Aurélia*, contracapa). Vários vocábulos são identificados como do *bajubá* ou *pajubá*, português gay formado por palavras de línguas de origem africana.

Os lexicógrafos da *Aurélia* se identificam por pseudônimos: *Angelo Vip* (do jornalista Vitor Angelo) e *Fred Libi*, que não revela seu nome civil. Nas orelhas da dicionária, eles apresentam seus pseudônimos de maneira jocosa e em parte fantasiosa, mas sobretudo crítica à homofobia que atravessa suas vidas. Sobre Angelo Vip, lemos que "perseguido pela família por sua adoração excessiva à musa Carmen Miranda, Vip foi internado em duas clínicas para recuperação de homossexuais, onde passou o final de sua adolescência". Sobre Fred Libi, lemos que "gay de nascença, refugiou-se nos estudos para entender melhor o mundo que o hostilizava. Foi destacado aluno do curso elementar e aos 15 anos já versava longas horas em poesia russa, arte dramática, matemática quântica e psicanálise". Segundo esta versão, do mundo que hostiliza o "universo Gay", Libi encontrou como saída a busca de conhecimento pelos estudos.

Produzir saber com a dicionária parece significar uma saída para os dois autores. A dicionária descreve suas entradas como elementos de uma "fala viva, coloquial e pulsante que ainda não chegou nos dicionários oficiais de nossa língua portuguesa" (*Aurélia*, contracapa). A intenção declarada é "levantar o maior número possível de termos ligados de alguma forma à cultura gay e lésbica e reuni-los num volume que retrate seus usos mais comuns na prática da NOSSA LÍNGUA PORTUGUESA!" (*Aurélia*, apresentação). As letras maiúsculas dão o recado: a língua dos falantes gays e lésbicas é também parte da "nossa língua portuguesa". A *Aurélia* reivindica a legitimação desse vocabulário como parte da língua portuguesa, e por essa via a legitimação dos sujeitos falantes auto-

4 Agradeço a Anderson Braga do Carmo por ter encontrado a *Aurélia* e me presenteado.

identificados como parte do "universo Gay" ou da "cultura gay e lésbica" enquanto sujeitos que constroem a língua nacional e oficial dos países lusófonos, sobretudo o português do Brasil.

O texto da *Aurélia* e as ilustrações que percorrem a dicionária significam um discurso anti-moralista. As ilustrações incluem veados voadores, pernas cruzadas com um sapato feminino e um masculino, drag queens, casais gays, entre outras imagens livres do conservadorismo de gênero e de orientação sexual. Os verbetes, ao incluírem temas como práticas sexuais e comportamentos e sentimentos comuns a todos os seres humanos, mas que podem ser considerados imorais, como sexo, roubo, trapaça, inveja quebram um tabu por vezes encoberto sob a ideia de "politicamente correto". A apresentação adverte: "este dicionário não tem a pretensão de ser politicamente correto. Muitos termos são chulos e pejorativos, podendo ser ofensivos para determinadas pessoas ou grupos. Nesse caso, recomendamos a interrupção imediata da leitura" (*Aurélia*, apresentação).

Na próxima seção, vamos percorrer alguns verbetes.

O "universo Gay" nos verbetes da *Aurélia*

Como vimos, o "universo Gay" da *Aurélia* inclui os falantes que representam a "cultura gay e lésbica". Pelo que indicam os verbetes, essa cultura abrange o que hoje é siglatizado como LGBTQI+, incluindo diferentes identificações de gênero, como *genderqueer* e *transgênero*, ambas palavras-entradas da dicionária, e diferentes orientações sexuais, como indicam as entradas *gilete* e *GLBT*. É nessa diversidade que significa o que os autores então denominam "universo Gay" ou "cultura gay e lésbica".

Se "universo Gay" significa a diversidade LGBTQI+, *gay*, como palavra-entrada lexicográfica, é definida como "homossexual masculino"; o verbete *gay* enumera outras 39 denominações para o sujeito gay masculino "com ligeira variação de sentido": *baitola*, *bambi*, *bee*, *beesha*, *bi*, *biba*, *bicha*, *bill*, *biltra*, *bilu*, *boiola*, *cheine*, *culeiro*, *entendido*, *finóquio*, *frango*, *fresco*, *fruta*, *frutinha*, *gersina*, *goiaba*, *greta*, *bomiceta*, *homigina*, *laleska*, *lhuska*, *mancha*, *mona*, *mônica*, *paneleiro*, *peixe*, *poc-poc*, *potira*, *puto*, *quá-quá*, *qualira*, *tata*, *viado*, *xibungo*.

A enumeração de denominações no verbete *gay* inclui tanto nomes de

afeto compartilhados pelos próprios gays, como *bee* ou *bi*, quanto nomes que costumam ser enunciados em dizeres preconceituosos, como *boiola* ou *frutinha*, e ainda nomes divididos entre dizeres de afeto e de preconceito, como *viado* e *bicha*. Junto a essas várias denominações para o sujeito gay na contemporaneidade, divididas entre sentidos de afeto e de rejeição preconceituosa, o corpo do verbete significa a presença da homofobia na história, rememorando denominações relacionadas à chamada Santa Inquisição, encabeçada pela Igreja Católica na Idade Média e no início da Idade Moderna: "durante a inquisição, a igreja católica chamava qualquer biba de *somitigo* (com a var. *somítigo*), *sodomita*, ou *sodomítico*.

As denominações homofóbicas da Inquisição estão presentes em outros verbetes, como *sodomia*, *lésbica*, *lesbianismo*, *pênis e vagina*. *Sodomia* é definida como "coito anal hétero ou homossexual" e neste verbete o memorável[5] da Inquisição significa o combate histórico ao prazer sexual: "Durante a inquisição, a igreja considerava sodomia todo ato sexual que não se destinasse à procriação e empregava os termos *tocamento desonesto*, *tocamento torpe*, *pecado nefando*, *trabalho nefando* ou simplesmente *nefando*" (*Aurélia*, p. 122). As denominações mostram que o combate ao prazer sexual na Inquisição o relaciona à desonestidade associada à desobediência das regras religiosas, as quais, por meio da ideia de pecado, projetam o sentimento de culpa. Sentidos ainda presentes em nossa sociedade.

A rememoração da Inquisição católica indica a presença histórica da homofobia nas sociedades heteronormativas e lembra que algumas religiões tentam impor seus dogmas como regras ao conjunto da sociedade, esquecendo que a fé deve ser uma escolha feita por identificação. *Aurélia* também inclui *homofobia* como entrada, definida como "medo irracional da homossexualidade" (*Aurélia*, p. 69). À irracionalidade da violência homofóbica, o "universo Gay" responde significando sua presença na sociedade pela diferença, como as entradas formadas por *bicha* ilustram.

Bicha é seguida de 33 entradas com compostos e derivados que designam

5 Segundo Guimarães, o presente da enunciação recorta, na história de enunciações de uma palavra, de um enunciado, o que ele representa como seu passado, e projeta um futuro de interpretação. Esse recorte é o que ele chama de memorável; inscrito na memória interdiscursiva, o acontecimento enunciativo configura "um presente que abre em si uma latência de futuro (uma futuridade) sem a qual não há acontecimento de linguagem, sem a qual nada é significado, pois sem ela (...) nada há aí de projeção, de interpretável". Esta latência de futuro "recorta um passado como memorável" (GUIMARÃES, 2002, p. 12).

as bichas pelos seus modos de ser: *bicha-aeromoça*, *bicha alpinista social*, *bicha-barra-mulher*, *bicha- bicha*, *bicha-bofe*, *bicha-boy*, *bicha-cadela*, *bicha-carteirão*, *bicha de antiquário*, *bicha de blair* (*blér*), *bicha de época*, *bicha de moema*, *bicha-envelope*, *bicha-fina*, *bicha louca*, *bicha-macha*, *bicha mauricinha*, *bicha-mocassim*, *bicha-mulher*, *bicha pão-com-ovo*, *bicha profunda*, *bicha quá-quá-quá*, *bicharoca* (*bicharóca*), *bicha-saboeira*, *bicha-utilitária*, *bicha-viada*, *bicha-wallpaper*, *bicheca*, *bicheine* (*bichêine*), *bichoca*, *bichuçu*, *bi confusa*, *bi-curious* (*bicúrius*).

A dicionária nos mostra que as bichas diferenciam umas às outras por características como a idade (*bicha de época*, *bicha boy*), os modos efeminados ou masculinizados (*bicha-bicha*, *bicha-louca* / *bicha-bofe*, *bicha-macha*), os modos de vestir (*bicha mocassim*, *bicha-envelope*), o caráter (*bicha quá-quá-quá*, *bicheca*), entre outras. E assim vão distinguindo, de maneira bem-humorada, aquelas com as quais se identificam e aquelas das quais querem distância. A exposição das diferenças, sejam elas na aparência ou na conduta, conduz ao questionamento da homogeneidade com a qual são tratados os sujeitos LGBTQI+ na cultura homofóbica.

Várias entradas mostram que o vocabulário do universo gay muitas vezes frequenta a língua portuguesa de modo mais abrangente. Tomando apenas as letras 'A' e 'B' da dicionária, encontramos várias gírias: *abafar o caso*, *aranha*, *axoxique*, *babado*, *baba-ovo*, *baseado*, *bafo*, *bagulho*, *bagaceira*, *baranga*, *boa-noite-cinderela*, *bode*, *bofe*, *boquete*, *bronha*, *buceta*, *bufunfa*, *buzum*. A exposição desses vocábulos comuns a gays e héteros indica que há pontos de intersecção entre esses sujeitos. E que a homofobia, se ainda é dominante, não é o único modo de significar a relação com o "universo Gay" na sociedade; algumas das palavras comuns saem do vocabulário Gay para o vocabulário geral. Isso fica claro quando sua origem é o bajubá (ou *pajubá*). Exemplos de gírias do bajubá que migraram para a língua comum são o substantivo *caô* (truque/ mentira), a expressão idiomática *dar a elza* (roubar) e o verbo *desaquendar* (deixar de lado/ esquecer/ ir embora).

O verbete *bajubá* nos ensina que ele,

> baseado nas línguas africanas empregadas pelo candomblé, é a linguagem praticada inicialmente pelos travestis e posteriormente estendida a todo o universo gay. O

bajubá falado emprega uma mistura lexical (do próprio bajubá, do português e, em menor grau, do tupi) sobre a base gramatical e fonológica da língua portuguesa. [var.: *pajubá*]. (*Aurélia*, p.26)

A presença do bajubá na *Aurélia* mostra que a língua das travestis, sujeitos marginalizados, recorre a línguas de contato presentes no Brasil e que dizem respeito também a sujeitos marginalizados: línguas africanas empregadas em uma das religiões brasileiras de matriz africana, o candomblé, e o tupi, que rememora a existência dos povos originários no Brasil, existência esta que, assim como a dos sujeitos de origem africana, tem sido historicamente violentada. A resistência política gay no pajubá e na *Aurélia* significa a identificação com outros grupos colocados à margem do direito à igualdade e à dignidade humana por forças políticas anti-democráticas[6].

Ao tematizar assuntos tabu, em grande parte ligados à sexualidade, *Aurélia* justifica o aposto "dicionária da língua afiada", significando uma cultura gay que não se submete ao moralismo; os verbetes descrevem, por exemplo, órgãos e práticas sexuais (como já vimos com *pênis*, *vagina* e *sodomia*, mas que também encontramos em *edi*, *nicaô*, *DP*, *suruba*, entre outras entradas); a relação com drogas legais e ilegais (como em *pudim, oxanã* e *nóia*); ações escatológicas (como em *nenar* e *obrar*); trapaças, desejos ruins e maledicências (como em *elza*, *vuduzar, xoxar* e *veneno*). Também encontramos na *Aurélia*, em menor quantidade, o que não é tabu; por exemplo, a comida (*ajeum*), o sentir-se perdido (*ocotô*), o sucesso (*abalar*, *abravanar*), a mudança positiva (*cair na real*). Tanto nos temas tabus quanto nos não-tabus, a dicionária fala de ações, partes do corpo, objetos e sentimentos próprios do humano.

Uma dissertação de mestrado defendida no Amazonas sobre o bajubá lembra que "a identidade linguística é um forte fator para a identidade de gênero" (RÉGIS BARROSO, 2017, p.103). Na mesma direção, uma tese de doutorado sobre a *Aurélia* defendida no Rio de Janeiro inscreve sua língua e seu saber em um movimento de resistência em que os sujeitos LGBTs "dão outras cores às palavras", ao serem "atravessados por uma linguagem em que a memória de raças/etnias (negra e indígena) e religiões marginalizadas produzem uma miscelânea linguística" (FARIAS DE MOURA, 2018).

6 Claro que o que vai da língua gay para a língua comum é muitas vezes significado como tabu. Mas há outros modos de acolhimento, exemplificados no que a *Aurélia* identifica como *heterobee*: "homem heterossexual masculino que usa palavreado gay entre seus iguais" (*Aurélia*, p. 69).

Essas pesquisas acadêmicas, assim como a *Aurélia*, constroem saberes sobre fatos linguísticos ainda pouco abordados como objetos de conhecimento na Linguística. Ao fazê-lo, interrogam o olhar da ciência linguística sobre as línguas e a linguagem humana. No que toca à *Aurélia*, a dicionária o faz inscrevendo-se no que proponho chamar de *lexicografia crítica*.

Na próxima seção, abordo esse modo de fazer lexicográfico.

Uma lexicografia crítica

O que proponho chamar de *lexicografia crítica* abrange obras lexicográficas que propõem um olhar não convencional sobre o que descrevem e sobre o dicionário, produzindo como efeito o questionamento dos objetos de saber, dos modos de construção do saber e da lexicografia tradicional. Dessa maneira, a lexicografia crítica intervém na relação entre falantes e línguas, abrindo a possibilidade de questionamento de sentidos, de saberes e de modos de fazer lexicográfico dominantes.

Um exemplo de dicionário crítico é *Casa das estrelas* (2013), de Javier Naranjo, fruto de uma vivência pedagógica do autor como professor de crianças entre 3 e 12 anos em escolas da periferia de Rionegro, na Colômbia. O título do livro é a definição de *universo* de uma das crianças-lexicógrafas. Mas não foi descartada pelo autor outra definição: "um universo é um concurso para as rainhas", que nos aponta não só a polissemia da palavra, mas as diferenças no olhar que a infância, fora das prerrogativas do que se toma tradicionalmente como 'definição lexicográfica', permite significar. É assim que *tempo* ganha 25 definições, como estas que destaco: "o que corre sobre a vida", "o que divide a gente", "algo que acontece para lembrar", "se deixar levar", ou "um relógio que move e move uma mão até que se cansa". E que *Igreja* pode ser "onde rezam por Deus e pelos mortos", mas também "onde as pessoas vão perdoar Deus".

Naranjo afirma ter corrigido das crianças apenas a ortografia e por vezes a pontuação. Ao dar voz e permitir a autoria[7] no dizer das crianças, ele defende que elas "estão mais próximas da experiência poética que os adultos. [...] Essa proximidade é o que eles nos contam quando escrevem e ainda não lhes

7 Para a Análise de Discurso, "porque assume sua posição de autor (se representa nesse lugar)", o sujeito produz "um evento interpretativo", "um lugar de interpretação no meio dos outros" (ORLANDI, 1996, p. 70).

impusemos nosso precário saber do mundo". O autor desse projeto lexicográfico nos lembra que "[...] sem a voz da criança, não há descoberta possível, nem poesia, nem paraíso, nem dor, nenhum conhecimento, nenhuma comunhão". *Casa das estrelas* torna visível nosso assujeitamento a discursos dominantes e a modos de definir que se projetam sobre os verbetes lexicográficos. A obra nos faz questionar a construção do conhecimento na escola e fora dela, a polissemia das palavras em relação à definição lexicográfica, e nos lembra da autoria possível na voz das crianças.

Outro dicionário crítico é o *Indicionário do contemporâneo* (2018). A orelha da obra a define como uma "antiantologia breve e aberta de conceitos que incidem de modo decisivo sobre o pensamento das artes e literaturas atuais, isto é, sobre poesia, política, imagem, espaço, tempo, ou, numa palavra, sobre a imaginação-pública-contemporânea". Organizado e escrito coletivamente por acadêmicos latino-americanos da área de Teoria Literária, o *Indicionário* anuncia sua inconformidade ao padrão lexicográfico no título e também na forma: ele apresenta apenas seis verbetes, cujas entradas são um tanto imprevisíveis como termos da teoria literária: *arquivo*, *comunidade*, *endereçamento*, *o contemporâneo*, *pós-autonomia*, *práticas inespecíficas*. Segundo os organizadores, a proposição central é

> discutir e levar a público um modo diverso e independente de discutir, de se posicionar, de propor e de pensar no interior dos chamados bancos universitários. Afinal, compartilhar com o leitor um trabalho coletivo sobre arte e política significa também intervir no mundo das ideias e das políticas estético-literárias do presente, entre vanguarda e instituição (PEDROSA et al., 2018, p. 13).

O *Indicionário* propõe uma intervenção política no pensamento contemporâneo sobre arte e literatura, e, ao construir um modo próprio de lexicografar a teorização literária, interroga o saber construído na lexicografia das línguas de especialidade, como é a língua da Teoria Literária.

Os dicionários a que tenho chamado *informais*, inspirada no nome do dicionário brasileiro posto no ar em 2006, o *Dicionário inFormal*[8], também

8 https://www.dicionarioinformal.com.br/

se incluem na lexicografia crítica. Os informais constituem uma forma contemporânea de dicionarização das línguas produzida em plataformas on-line, na qual os falantes são convidados a atuar como lexicógrafos, propondo verbetes. O mais conhecido é o *Urban Dictionary*[9], de Nova Iorque. Sem a regulação direta dos saberes acadêmicos, as definições nos dicionários informais podem ou não se comprometer com os empregos factuais das palavras na sociedade.

Como ilustrei em análises anteriores (ELIAS DE OLIVEIRA, 2014; 2018), o nosso *Dicionário inFormal* permite o registro de novas palavras e o debate sobre as palavras da língua, uma vez que os verbetes não são substitutivos, mas cumulativos, nos expondo, assim, à divisão de sentidos presente na sociedade. Se, por um lado, o saber do *inFormal* não substitui o saber dos dicionários feitos por lexicógrafos profissionais, ao abrir espaço para o lugar enunciativo de falante-lexicógrafo, ele se opõe ao imaginário dominante no século XX segundo o qual "brasileiro não sabe falar português". O *inFormal* intervém, desse modo, no espaço de enunciação da língua nacional e oficial do país.

Aurélia, a dicionária da língua afiada se inscreve nesse conjunto de dicionários críticos, ao dar visibilidade à língua de um grupo marginalizado, ao trazer temas e palavras-tabus para o saber lexicográfico, ao reivindicar a presença da língua gay na "NOSSA LÍNGUA PORTUGUESA". Ela intervém, com um saber lexicográfico crítico produzido na linguística popular, no espaço de enunciação do português do Brasil.

A *linguística popular* ou *folk linguistics* da *Aurélia*

O conjunto de dicionários críticos que enumerei não são produzidos por linguistas. *Casa das estrelas* é assinada por um professor, provavelmente formado em Pedagogia, que convida crianças a ocuparem o lugar de falantes-lexicógrafas; o *Indicionário do contemporâneo* é elaborado por teóricos da literatura; os dicionários informais convidam falantes a lexicografar a sua língua; *Aurélia* é produzida por dois amigos gays, um deles jornalista, que lexicografam a língua gay.

A lexicografia tradicional, reivindicada pelos linguistas apenas em meados do século XX, tem sido elaborada mais por intelectuais dedicados a

9 www.urbandictionary.com

pensar a linguagem do que por linguistas[10]. Tradicionalmente, há, portanto, um lugar de dizer legitimado para os lexicógrafos reconhecidos como profissionais que inclui diferentes percursos de formação. Em comum, todos partilham o fato de serem considerados estudiosos da linguagem e da língua que lexicografam. Os lexicógrafos da *Aurélia* provavelmente não são estudiosos da linguagem e da língua portuguesa; são lexicógrafos da linguística popular, e como tais, empreendem uma pesquisa sobre a língua gay que dicionarizaram.

Paveau (2028, p. 17-18) propõe uma tipologia para caracterizar linguistas e não-linguistas produtores de saberes linguísticos, estabelecendo um valor decrescente de "detenção de um saber linguístico". No lexicografia crítica da *Aurélia*, os autores parecem configurar um lugar próprio na tipologia proposta, situado entre o do "cientista não-linguista" (como os historiadores que trabalham com linguagem) e o dos "falantes engajados, militantes ou apaixonados" "centrados na descrição e na intervenção". Sabemos que um dos autores da *Aurélia* é jornalista, e, portanto, trabalha com a linguagem, com a comunicação jornalística em língua portuguesa. Vimos também que os autores da *Aurélia* reivindicam a inclusão da língua gay da língua portuguesa. Eles podem ser considerados, nessa medida, engajados.

A *Prefácia*, assinada pelo fictício Dr. A. Jaccourd, também nos mostra que os lexicógrafos da *Aurélia* não são alheios à linguística e aos estudos da linguagem. Alguns linguistas são citados para uma discussão política da relação entre línguas e sujeitos falantes. Trubetzkoy, por exemplo, é evocado para lembrar a confusão das línguas já prevista na ideia bíblica da Torre de Babel; segundo a prefácia, "a confusão das línguas está diretamente ligada à instauração da pluralidade destas mesmas línguas e das culturas a estas relacionadas em determinado corte histórico". A confusão (ou, podemos dizer neste caso, a divisão interna às línguas), é aí relacionada à pluralidade (ou melhor, à divisão) das culturas relacionadas às línguas.

10 No Brasil, nem Aurélio Buarque de Holanda nem Antonio Houaiss, autores dos dicionários gerais de grande porte mais conhecidos no país, eram linguistas. O popular *Aurélio* teve sua primeira edição publicada em 1975, e o *Houaiss* teve a primeira edição publicada em 2001. Aurélio, formado em Direito, foi durante anos professor de português. Houaiss, formado em Letras Clássicas, também foi professor de língua portuguesa. Ambos eram intelectuais estudiosos da língua portuguesa. Sua biografia se enquadra no perfil dos autores na lexicografia tradicional durante séculos. No Brasil, o primeiro dicionário geral de língua portuguesa de grande porte organizado por um linguista foi o *Dicionário de usos do português do Brasil*, de Francisco S. Borba, publicado em 2002.

Ao dar visibilidade à língua gay em sua integração ao português do Brasil, e em sua inclusão de línguas africanas e da língua tupi, *Aurélia* intervém nas relações de força do espaço de enunciação da língua nacional. Ela é um instrumento linguístico contemporâneo. Sua lexicografia crítica, produzida na linguística popular, questiona o modo como a lexicografia tradicional reforça o imaginário de unidade linguística a partir de exclusões linguísticas que são também exclusões sociais.

Referências

AUROUX, S. **A revolução tecnológica da gramatização**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

BORBA, F.S. **Dicionário de usos do português do Brasil**. São Paulo: Ática, 2002.

CARVALHO, L. de. Reflexão sobre a gramatização do espanhol no Brasil: o mundo do trabalho. **REVERTE**, 2015, n.13, p.22-29.

COLLINOT, A. e MAZIÈRE, F. **Un prêt à parler : le dictionnaire**. Paris : PUF, 1997.

ELIAS DE OLIVEIRA, S. O Dicionário inFormal e a relação do falante com a língua. **Revista da Anpoll** nº37, Florianópolis, Jul./Dez. 2014, p.262-272.

ELIAS DE OLIVEIRA, S. O 'Dicionário inFormal' na gramatização do português do Brasil. In: RODRIGUES DE OLIVEIRA, R. R.; ELIAS DE OLIVEIRA, S.; RODRIGUES, M.L.; KARIM, T. M. (orgs.) **Linguagem e significação: práticas sociais**. Campinas: Pontes, 2018, vol.2, p.299-318.

FARIAS DE MOURA, J.R. Da sombra às cores: análise discursiva do dicionário LGBTs Aurélia. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018, 147 pp.

FERREIRA, A.B.de H. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

GUIMARÃES, E. (2002). **Semântica do Acontecimento**. Campinas: Pontes, s.d.

HOUAISS, A. & VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**.

Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MEDEIROS, V. Cartografias das línguas: glossários para livros de literatura. **Alfa**, São Paulo, 60 (1), 2016, p.79-93.

NARANJO, J. **Casa das estrelas: o universo contado pelas crianças**. Tradução: Carla Branco. Rio de Janeiro: Foz, 2013.

ORLANDI, E.P. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. São Paulo: Vozes, 1996.

PAVEAU, M.-A. Não linguistas fazem linguística? Uma abordagem antieliminativa das ideias populares. **Policromias**, dez. 2018, Ano III, p.21-45.

PEDROSA, C., KLINGER, D., WOLFF, J., CÁMARA, M. (orgs.) **Indicionário do contemporâneo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

PETRI, V. Gramatização das línguas e instrumentos linguísticos: a especificidade do dicionário regionalista. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, 29, jan.-jul. 2012, p.23-37.

RÉGIS BARROSO, R. Pajubá: o código linguístico da comunidade LGBT. **Dissertação de mestrado**. Universidade do Estado do Amazonas, 2017,152 pp.

SOBRINHO, J.S.S. Museu da língua portuguesa: instrumento linguístico em tempos da ideologia do lazer. **Letras**, Santa Maria, v.23, nº 46, jan.-jul.2013, p.307-315.

VIP, A. & LIBI, F. **Aurélia, a dicionária da língua afiada**. São Paulo: Editora da Bispa, 2006.